

Julio Cezar Melatti

O Sistema Social Craô

Tese de doutoramento apresentada à
Faculdade de Filosofia, Ciências de Letras
da Universidade de São Paulo.

Brasília

1970

Edição em pdf em 2012

Índice

Nota da edição em PDF de 2012	7
Localização das aldeias craôs (mapa).....	9
Agradecimentos	10
Nota sobre a grafia das palavras craôs.....	11
I – Introdução	12
1) O levantamento dos dados.....	12
2) A interpretação	13
3) A apresentação	16
II – Um balanço do contacto interétnico	18
1) Introdução.....	18
2) A reserva indígena e sua população	18
3) História do contacto interétnico	19
4) Evolução demográfica.....	21
5) Miscigenação biológica.....	22
6) As missões religiosas	23
7) Os precursores dos encarregados de Posto.....	27
8) Assistência prestada pelo extinto S.P.I.....	28
9) A construção de casas	29
10) Cozinha	30
11) Caça.....	30
12) Modificação na agricultura.....	31
13) O vestuário	32
14) O uso da língua portuguesa	33
15) Desorganização das classes de idade	34
16) Alteração do sistema ritual	34
17) Modificação dos ritos funerários.....	35
18) A chefia	36
19) Aculturação intertribal.....	37
20) Conclusão.....	37
III – O território e a utilização de seus recursos	38
1) Introdução.....	38
2) Relevo, clima, vegetação.....	38
3) Coleta	40
4) Pesca.....	41
5) Caça.....	44
6) Animais domésticos	52
7) Agricultura	57
8) O deslocamento das aldeias.....	63
9) Conclusão.....	66

IV – Sistema de parentesco: os grupos.....	68
1) Introdução.....	68
2) Forma da aldeia craô	68
3) A família elementar	69
4) O grupo doméstico	70
5) O segmento residencial	73
6) O problema da autoridade doméstica.....	74
7) Conclusão	80
V – Sistema de parentesco: terminologia e atitudes	81
1) Introdução.....	81
2) A terminologia de parentesco.....	81
3) O sistema das atitudes	86
a) <i>intxũ / ikhra</i>	86
b) <i>intxe / ikhra</i>	90
c) <i>keti / itamtxua</i>	91
d) <i>tii / itamtxua</i>	94
e) <i>itõ / itõ</i>	96
f) <i>itoĩ / itoĩ</i>	97
g) <i>itõ / itoĩ</i>	98
h) <i>impien / iprõ</i>	98
i) <i>ipré / ipiayõye</i>	100
j) <i>ipré / itxwëye</i>	101
k) <i>ipréket / ipiayõye</i>	101
l) <i>ipréket / hotxwïye</i>	101
m) <i>hotxwïye / ipiayõye</i>	102
n) <i>iprékei / itxwïye</i>	102
4) Conclusão	102
VI – Sistema de parentesco: a ordenação de seus elementos	104
1) Introdução.....	104
2) Os vivos e os mortos	104
3) Parentes consangüíneos e parentes afins.....	105
4) Parentesco de consangüinidade: a procriação e a nomeação	108
5) Parentesco de afinidade: credores e devedores	111
6) A distribuição genealógica dos termos de parentesco.....	115
7) Termos alheios a uma distribuição genealógica: <i>ikhuonõ</i> e <i>hópĩ</i>	117
8) O kindred.....	119
9) As razões da terminologia de tipo Crow	120
10) Conclusão	122
VII – A participação dos indivíduos no sistema social segundo a idade e o sexo	123
1) Introdução.....	123
2) As categorias de idade.....	123
3) O ciclo de vida dos craôs.....	124
a) As crianças.....	125
b) Os jovens	127

c) A idade madura.....	131
d) Os velhos	132
e) A morte e os mortos.....	132
4) Divisão do trabalho	139
5) Diferença entre os sexos quanto à participação nos ritos.....	140
a) Festa da manga	141
b) O ritual de <i>Awariyé</i>	143
c) Ritual da prestação de serviços.....	144
6) Inversão dos papéis entre os sexos	145
7) As moças associadas	145
8) <i>Witi</i>	146
9) Participação da mulher na vida política	148
10) Conclusão.....	149
VIII – Sistema político: suas unidades	150
1) Introdução.....	150
2) Casos de litígios	150
Caso A: O feiticeiro Chico Craô.....	151
Caso B: A morte de Chicu e de Rodrigues	153
Caso C: A cisão da aldeia de Pitoró.....	156
Caso D: A morte do curador Chico Cornélio (Hokão).....	158
Caso E: Marcão cinde a aldeia do Pôsto.....	159
Caso F: A morte do curador Alexandre (<i>Póprĩ-Kaxux</i>).....	162
Caso G: A morte do curador Cará	165
Caso H: O falecimento de João Grosso	167
Caso I: O velho chefe Chiquinho cinde a aldeia.....	168
Caso J: A deposição do chefe Ambrosinho	170
Caso K: José Nogueira tenta cindir a aldeia do Pôsto	172
Caso L: Disputa entre os curadores Basílio e Aleixo	175
Caso M: O falecimento de <i>Topó</i>	177
Caso N: O chefe João Noletto retira-se da aldeia	177
3) A facção.....	179
4) A aldeia	181
5) A tribo	184
6) Conclusão.....	186
IX – Sistema político: formas de liderança	187
1) Introdução.....	187
2) Condições para a liderança.....	187
3) O chefe da aldeia	188
4) O “secretário”.....	197
5) Os chefes honorários	198
6) Os "prefeitos"	200
7) Os antigos "prefeitos"	203
8) O "chamador"	204
9) O <i>padré</i>	205
10) Conclusão.....	206

X – Sistema ritual: seus grupos.....	207
1) Introdução.....	207
2) As metades <i>Wakmenye</i> e <i>Katamye</i>	207
a) <i>Ró?ti</i>	209
b) <i>Põhÿökróu</i>	210
c) <i>Katamti</i>	214
d) <i>Põhÿpré</i>	215
e) <i>Wakmeti</i>	216
f) <i>Rorot</i>	217
3) As metades <i>Khöikateye</i> e <i>Harãkateye</i>	218
a) <i>Apinüré-Hokhi'yere</i>	220
b) Os <i>Përe</i>	222
b1) <i>Përti</i> ou <i>Yëtyöpĩ</i>	222
b2) <i>Përteré</i>	226
b3) <i>Txëikhré</i>	227
b4) <i>Hamaho</i>	229
c) <i>Me?yen</i>	229
c1) Festa do mel.....	230
c2) Festa da bacaba.....	230
c3) Festa do coco piaçava.....	231
c4) <i>Wanitóme?yen</i>	231
d) O rito de <i>Witĩ</i>	231
4) As metades <i>Khöirumpekëtxë</i> e <i>Harãrumpekëtxë</i>	233
5) As metades <i>Hëk</i> e <i>Krókrók</i>	234
a) O rito de <i>Khöigayu</i>	235
b) O rito de <i>Piegré</i>	238
6) As metades <i>Tép</i> e <i>Teré</i>	238
7) Conclusão.....	239
XI – Sistema ritual: os ritos de iniciação.....	241
1) Introdução.....	241
2) <i>Ikréré</i>	
.....	24
1.....	
3) <i>Pembkahók</i>	242
a) 1ª modalidade: <i>Pembkahëk Hõpintoshõ'txire</i>	242
b) 2ª modalidade: <i>Pembkahëk Katu?ti</i>	253
c) 3ª modalidade: <i>Pembkahók Patxetigré</i>	256
4) <i>Khetwaye</i>	259
a) 1ª modalidade: <i>Khetwaye</i> dos <i>Kenpókatye</i>	259
b) 2ª modalidade: <i>Khetwaye</i> dos <i>Mãkrare</i>	262
5) Conclusão.....	263
XII – Sistema ritual: a integração de seus elementos.....	268
1) Introdução.....	268
2) Classificação dos ritos.....	268
3) Ritos de interesse individual.....	268
4) Ritos ligados às atividades do ciclo anual.....	269
5) Ritos de iniciação.....	275

6) Ritos talvez ligados ao ciclo de iniciação	276
7) Ritos ligados a certos papéis honorários	277
8) A representação do Universo	278
9) A origem dos ritos	281
10) Magia.....	282
11) As corridas de toras	284
12) As metades e outras oposições	285
13) Oposições de oposições.....	287
14) Conclusão	287
XIII – Conclusão: a integração do sistema social craô.....	289
Bibliografia citada	296

Nota da edição em PDF de 2012

Minha tese de doutorado, *O Sistema Social Krahó*, eu a defendi no salão da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo no dia 28 de agosto de 1970. Compunham a banca examinadora o Prof. João Baptista Borges Pereira, como orientador da tese, o Prof. David Maybury-Lewis, como examinador externo, pois era da Universidade de Harvard, e mais três professores da FFLCH: Prof. Egon Schaden, Prof. Ruy Galvão de Andrada Coelho e Prof. Luiz Pereira. Conforme o atestado que recebi alguns dias depois da Secretaria da FFLCH eu era agora "Doutor em Ciências". Já segundo o diploma, que finalmente resolvi buscar dez anos depois, sou "Doutor em Ciências Sociais (Antropologia)".

Como eu não tinha mestrado, tive de substituí-lo por duas teses subsidiárias, segundo o regulamento então vigente na USP, apresentadas antes da tese de doutorado propriamente dita. Uma delas, posteriormente publicada como *Índios e Criadores* (Rio de Janeiro: UFRJ — Instituto de Ciências Sociais, 1967) passou pelo exame do Prof. Florestan Fernandes; a outra, depois divulgada como *O Messianismo Krahó* (São Paulo: Herder/Edusp, 1972), teve como examinadora a Profa. Maria Isaura Pereira de Queiroz.

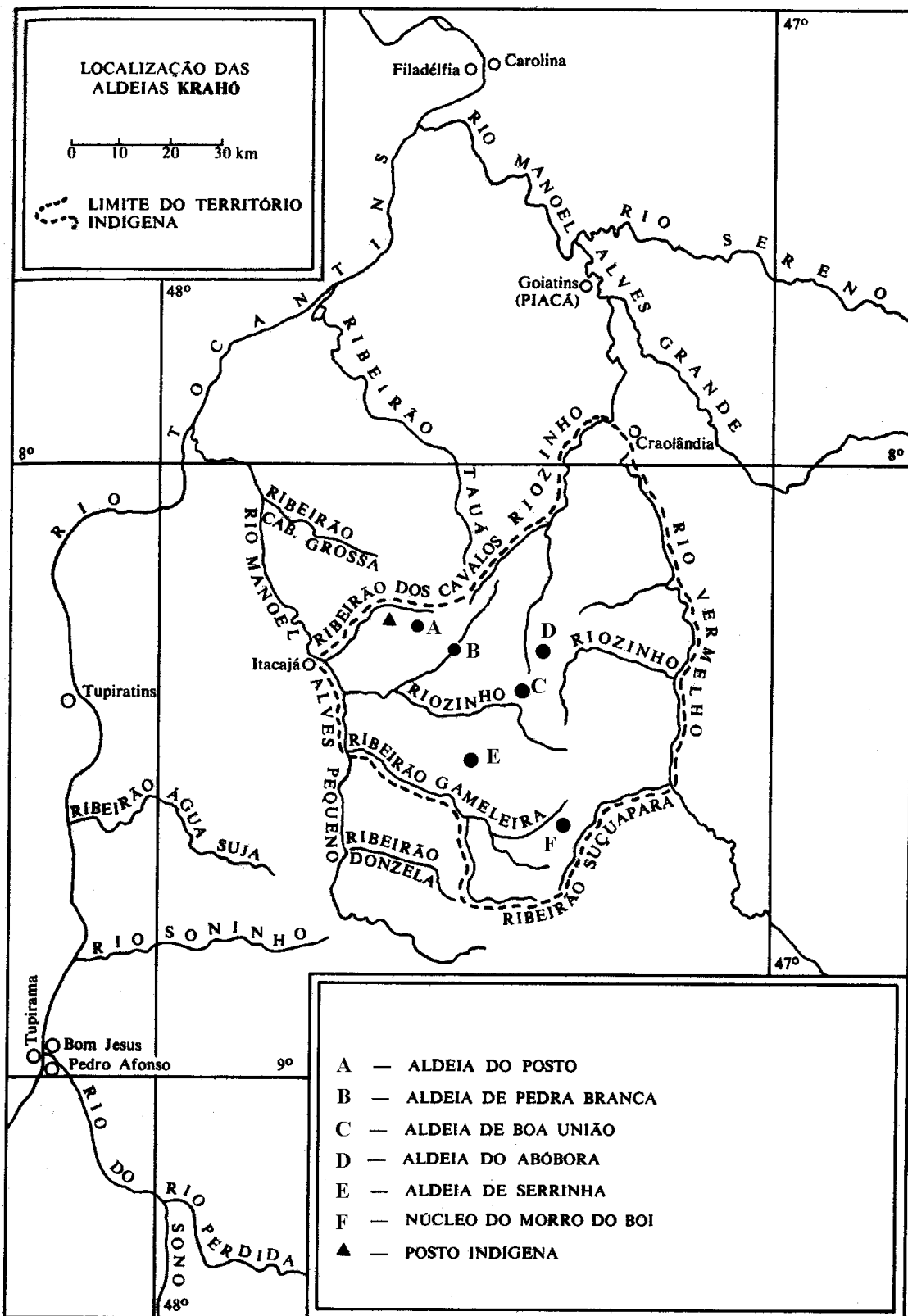
Quando terminei de escrever a tese, eu mandei mimeografar 50 cópias. Umas 10 se destinavam aos membros da banca examinadora e aos arquivos e usos da USP. As outras 40, eu as distribuí entre colegas e interessados. Mas eu nunca a publiquei integralmente por uma editora. Entretanto, ela não chega a ser totalmente inédita. A parte referente a parentesco foi condensada e adaptada de modo a se transformar num capítulo do volume organizado por David Maybury-Lewis, *Dialectical Societies* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1979), e também divulgada em português como fascículo 3 da Série Antropologia, da Universidade de Brasília. A parte dedicada às atividades rituais foi ampliada, inclusive com dados que consegui em mais uma etapa de campo após a defesa da tese, e publicada como o livro *Ritos de uma Tribo Timbira* (São Paulo: Ática, 1978). O capítulo II ("Um balanço do contato interétnico") foi publicado em um dos números da revista *Informativo Funai*.

Nesta divulgação em PDF não incluí os dois apêndices. O Apêndice I ("Distribuição da população Krahó pelos grupos domésticos"), com suas plantas de aldeias e esquemas genealógicos, está bem mais desenvolvido em www.juliomelatti.com.br/craodados/craogenea.htm. O Apêndice II ("Alguns casos de transmissão de nomes pessoais") está parcialmente disperso e, por outro lado, acrescido no cadastro de pessoas craôs, acessível pelo mesmo endereço.

Para escrever as palavras indígenas na tese, tais como as ouvi, sem conhecimento da língua timbira, usei uma grafia que eu mesmo elaborei, não de todo adequada, pois distingui desnecessariamente as consoantes surdas das sonoras. Na nota em que dou a chave da grafia expliquei que o *h* era aspirado, e inadvertidamente acrescentei: "como no espanhol"! Na etapa de campo que fiz em 1971, depois da defesa da tese, corrigi algumas dessas palavras, o que faço aqui, também abandonando o dígrafo *ph*. Na tese grafiei o nome do povo estudado como "Krahó", sempre com inicial maiúscula, mesmo quando adjetivo. Nesta edição em pdf prefiro grafar "craô", mais de acordo com a pronúncia dos indígenas e também com a grafia hoje usada por eles, em que o *k* é aspirado. Também flexiono a o nome no plural. O mesmo faço com outros etnônimos.

Tentei pôr o texto conforme a atual ortografia oficial do português. Quase não mexi na pontuação, que tem muitas vírgulas mal colocadas e nem na frequente repetição de

palavras na mesma frase. Também abandonei a grafia totalmente em maiúsculas nos sobrenomes dos autores referidos dentro do texto.



Agradecimentos

O presente trabalho constitui resultado de uma pesquisa iniciada em 1962 para satisfazer a um item do projeto "Estudo Comparativo das Sociedades Indígenas do Brasil", de autoria do Prof. Roberto Cardoso de Oliveira, da Divisão de Antropologia do Museu Nacional. Do Prof. Cardoso de Oliveira, a quem devemos nossa iniciação na Antropologia Social, recebemos todo o apoio, incentivo e orientação durante a realização da pesquisa e na redação desta monografia.

Posteriormente nossa pesquisa passou a fazer parte também do Harvard–Central Brazil Research Project, dirigido pelo Prof. David Maybury-Lewis. O Prof. Maybury-Lewis incentivou bastante nosso trabalho, proporcionando-nos inclusive a oportunidade de participar de dois seminários, um em Cambridge (Massachusetts) e outro em Oxford, em que se reuniram todos os etnólogos que realizavam pesquisas entre os índios do Brasil Central incluídas no citado projeto.

De todos os participantes deste projeto, mantivemos maior contacto com Roberto Da Matta, da Divisão de Antropologia do Museu Nacional, a quem acompanháramos, em 1961, como auxiliar, numa pesquisa de campo entre os índios gaviões. O fato de ambos estarmos realizando pesquisa com índios timbiras, Roberto Da Matta com os gaviões e sobretudo os apinajés, e nós com os craôs, e de termos ambos como local de trabalho a Divisão de Antropologia do Museu Nacional, permitiu que discutíssemos bastante os dados coletados no campo. Por isso, devemos muitas idéias a Roberto Da Matta no referente à interpretação dos dados concernentes ao sistema social craô.

Muito devemos também ao incentivo de Roque de Barros Laraia, que, na Universidade de Brasília, chegou mesmo sobrecarregar seu horário de aulas, diminuindo nossas tarefas docentes, a fim de que pudéssemos dedicar mais tempo à redação final desta monografia.

Aceitaram os encargos da orientação desta tese o Prof. Egon Schaden e, pouco depois, na impossibilidade de continuação do primeiro, o Prof. João Baptista Borges Pereira. A ambos somos devedores de sugestões que muito nos ajudaram para satisfazer os requisitos mínimos para a apresentação da tese e dar forma a sua redação final.

O financiamento de nossa pesquisa correu na sua maior parte por conta da Sub-Reitoria de Ensino para Graduados e Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que não somente nos concedeu bolsa, como também auxílio para as pesquisas de campo. Durante o período em que lecionamos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo também nos concedeu auxílio para uma expedição.

A todos, pois, que nos ajudaram na realização deste trabalho estamos profundamente agradecidos e principalmente aos índios craôs, que nos ofereceram sua hospitalidade e amizade.

Nota sobre a grafia das palavras craôês

Procuramos simplificar bastante a grafia das palavras craôês, tendo em vista facilitar o trabalho de datilografia. E nem teria sentido uma grafia muito precisa, uma vez que não sabemos até que ponto ouvimos corretamente os vocábulos indígenas.

As vogais *a, e, i, o, u*, soam como em português. O *e* e o *o* só têm som aberto quando assinalados com um acento agudo. O *ĩ* indica o *u* não arredondado. O *ë* indica o *o* não arredondado. O *w* e o *y*, com os sons de *u* e de *i* respectivamente, formam ditongos com a vogal que os segue. Quando o *y* está entre vogais, desdobra-se em *ii*, ficando um *i* em cada sílaba.

As consoantes também soam como em português. Entretanto, o *r* é brando, mesmo quando inicia palavra. O *s* tem sempre o som de *ss*. O *h* é aspirado como no espanhol [*sic*]. O *k* e o *p* aspirados são seguidos de um *h*. O *ñ* soa como no espanhol. O *ğ* indica a consoante velar nasal. O ponto de interrogação, a oclusão glotal.

O *m* e o *n* não nasalizam as vogais que os precedem. A nasalização das vogais é indicada com ajuda do til.

O apóstrofo precede a sílaba tônica, mas só o utilizamos nas palavras que não são oxítonas.

A sílaba *ré* no final de uma palavra geralmente constitui um sufixo que indica o diminutivo. Neste caso, o *r* não forma um grupo consonantal com a consoante que o precede, mas inicia uma sílaba independente.

Tabela inicial	Lista dos capítulos
--------------------------------	-------------------------------------